Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09,2024

ISSN 2178-6925

A ATUAÇÃO FARMACÊUTICA NOS RISCOS E AGRAVOS À SAÚDE RENTE À AUTOMEDICAÇÃO

PHARMACEUTICAL PERFORMANCE IN HEALTH RISKS AND DAMAGES REGARDING SELF-MEDICATION

Aline Vieira Lopes

Discente do curso de Farmácia da Faculdade ALFA UNIPAC de Teófilo Otoni-MG, Brasil. E-mail: alinne_llopez@hotmail.com.

Heitor Silva Ribeiro

Discente do curso de Farmácia da Faculdade ALFA UNIPAC de Teófilo Otoni-MG, Brasil. E-mail: heitorribeiro956@gmail.com.

José Otalício Gomes de Oliveira

Discente do curso de Farmácia da Faculdade ALFA UNIPAC de Teófilo Otoni-MG, Brasil. E-mail: otalicio010@gmail.com.

Pedro Emílio Amador Salomão

Professor orientador. Doutor em Química pelo Programa de Pós-Graduação Multicêntrico em Química de Minas Gerais;
Docente do curso de Farmácia da Universidade Presidente Antônio Carlos- ALFA UNIPAC de Teófilo Otoni-MG, Brasil.
E-mail: pedroemilioamador@yahoo.com.br.

Resumo

A automedicação é definida como ato de administrar medicamento sem prescrição médica, sendo que a seleção desses é realizada por indivíduos incapacitados para tal, cujo objetivo é a cura de patologias ou redução de seus sintomas sendo essa ação comumente apresentada no Brasil. Os medicamentos surgiram desde aproximadamente 2.000 a.C., em que as plantas eram utilizadas como método da medicina terapêutica, através da pesquisa sistemática dos princípios ativos das plantas e dos minerais aplicados ao processo de cura das doenças. Assim, podemos descrever que medicamentos são produtos farmacêuticos com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnósticos que objetivam curar doenças ou aliviar sintomas. Essa pesquisa visa explicitar sobre automedicação, ressaltar os riscos à saúde do indivíduo, bem como enfatizar a importância da atuação do farmacêutico na orientação dessa prática. Pode-se observar, através dos autores

ISSN 2178-6925

pesquisados, a relevância da abordagem do tema supracitado visando à necessidade de conscientização dos riscos e agravos a população.

Palavras-chave: Automedicação. Farmacêutico. Medicamentos.

Abstract

Self-medication is defined as the act of administering medication without a medical prescription, and the selection of these is carried out by individuals incapable of doing so, whose objective is to cure pathologies or reduce their symptoms, this action being commonly presented in Brazil. Medicines have emerged since approximately 2,000 BC, when plants were used as a method of therapeutic medicine, through systematic research into the active principles of plants and minerals applied to the process of curing diseases. Thus, we can describe that medicines are pharmaceutical products with prophylactic, curative, palliative or diagnostic purposes that aim to cure diseases or alleviate symptoms. This research aims to explain self-medication, highlight the risks to the individual's health, as well as emphasize the importance of the pharmacist's role in guiding this practice. It is possible to observe, through the authors researched, the relevance of approaching the aforementioned topic, aiming at the need to raise awareness of risks and harm to the population.

Keywords: Self-medication. Pharmaceutical. Medicines

1 Introdução

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) medicamentos são produtos elaborados visando diagnosticar, prevenir, curar doenças ou aliviar seus sintomas, assim o efeito do medicamento surge devido a uma ou mais substâncias ativas com propriedades terapêuticas reconhecidas cientificamente, que integram o produto, denominadas fármacos, drogas ou princípios ativos. Os medicamentos dispõem de normas rígidas para serem utilizados, oriundos desde a sua pesquisa e desenvolvimento, até a sua produção e comercialização.

Desde o início da civilização já se encontrava o uso das medicações com intuito de proporcionar, alívio ou cura de suas enfermidades, onde, os métodos terapêuticos utilizados concentravam-se nos recursos da natureza, como em plantas, animais e minerais, sendo as plantas medicinais a principal contribuição para o desenvolvimento da terapêutica, como a papoula (*Papaver somnniferum*), maconha (*Cannabissativa*) e babosa (*Aloe vera*). Porém, com o avanço das tecnologias, os medicamentos passaram a ser cada vez mais necessários e expandidos pelo mundo.

A partir de então, os medicamentos passaram a ser utilizados no mundo todo, objetivando tanto a prevenção de doenças quanto a recuperação da saúde. Mas, para que estes tenham o efeito desejado, devem ser utilizados de forma correta e

ISSN 2178-6925

com orientação médica e farmacêutica. Quando são empregados sem prescrição de profissionais habilitados, constitui-se automedicação.

A automedicação é definida como ato de administrar medicamento sem indicação médica, sendo que a seleção desses é realizada por indivíduos incapacitados para tal, podendo ocasionar danos à saúde, dessa forma o reaproveitamento de receitas médicas antigas, também pode ser considerada como automedicação. (OGLIARI, F. p.1 2004).

Frente aos esclarecimentos acima, faz-se necessário elencar o objetivo geral da pesquisa, por meio do qual pretende: Apresentar a atuação farmacêutica na automedicação. Para tanto o percurso investigativo pretendido é: Discutir acerca de medicamentos e farmácia assim como sua classificação, explicitar sobre automedicação e os riscos à saúde do indivíduo e enfatizar a pertinência da atuação do farmacêutico na conscientização quanto ao uso desta prática; para tanto se optou por sistematizar a pesquisa como se apresenta.

A pesquisa será produzida por meio de natureza qualitativa, quanto aos fins será explicativa, baseado em revisão bibliográfica utilizando base de dados em sites eletrônicos e plataformas digitais como SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde*)* e MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online)*, além de livros e artigos, visando abordar os assuntos referentes às problemáticas apresentadas. Foram incluídos artigos disponíveis em língua portuguesa que descrevessem sobre a automedicação e os agravos à população, assim como apresentassem sobre a ação do farmacêutico no contexto descrito, sendo publicados no período de 2016 até os dias atuais. Foram excluídas publicações anteriores a 2014 e que constassem material de pesquisa diferente do tema apresentado.

2 Revisão de Literatura

2.1 Concepção de medicamento e farmácia

A evolução dos medicamentos surgiu desde aproximadamente 2.000 a.C., em que as plantas eram utilizadas como método da medicina terapêutica, dentre parte da história das descobertas apresentam-se nomes como Galeno, considerado o pai

ISSN 2178-6925

da farmácia que desempenhou importante participação nas descobertas nas áreas da medicina, filosofia e da farmácia. (MELO, D.O et al.2006).

As atividades relacionadas à farmácia originaram-se por volta do século X, com as chamadas boticas e os remédios feitos a mão, cuja função do boticário era conhecer e curar as doenças, porém deveria cumprir diversos requisitos e apresentar equipamentos apropriados para a preparação e armazenamento dos medicamentos. Neste período, a medicina e a farmácia eram uma só profissão.

No século XVI, através da pesquisa sistemática dos princípios ativos das plantas e dos minerais aplicados ao processo de cura das doenças, os estudos desses remédios passaram a ganhar notável impulso e com isso novos medicamentos são criados e foi implantada a indústria farmacêutica no mundo.

Contudo, na Primeira Guerra Mundial, foi desenvolvida a terapia antimicrobiana, que proporcionou avanços em quimioterapia, antibioticoterapia e imunoterapia. Isso corroborou para que o fármaco se tornasse um produto industrial e objeto de interesses econômicos e políticos. Assim, em 1813, foi publicado o primeiro tratado de toxicologia, dando início à moderna farmacologia. Com o tempo, as boticas deram origem a dois novos tipos de estabelecimentos, a farmácia e o laboratório industrial farmacêutico. (CRF/SP)

O processo de industrialização em ritmo crescente transforma o fármaco um produto industrial, em instrumento de interesses econômicos e políticos, consequentemente, são feitos altos investimentos publicitários que correlacionam ao medicamento a solução para todos os problemas.

O boticário no Brasil como era conhecido às atividades que correlacionavam às farmácias surgiram no período colonial, em 1808 com a vinda da família real portuguesa, ganhou impulso a atividade farmacêutica no país, quando medicamentos e outros produtos com fins terapêuticos podiam ser compradas nas boticas, o medicamento era manipulado e produzido na frente do paciente consoante a prescrição médica.

O Brasil em 1832 viu surgir as suas primeiras faculdades em Medicina e, com elas, funcionava um curso de farmácia, com duração de três anos. Em 1839, o governo provincial de Minas Gerais fundava, em Ouro Preto, a primeira Escola de Farmácia, pioneira para o ensino exclusivo da profissão no país. Em 1916 é criada a

ISSN 2178-6925

Associação Brasileira de Farmacêuticos, essa, portanto, foi o embrião do que hoje é o Conselho Federal de Farmácia e a sede funciona no Rio de Janeiro. (CFF 2011)

Entretanto, a partir de 1950, a sociedade começa a gozar dos serviços das farmácias e da qualificação do farmacêutico, assim em meados de 1961 cria-se o Conselho Federal de Farmácia (CFF), objetivando como função de inscrever os profissionais, registrar as empresas, fiscalizar o exercício das atividades farmacêuticas e zelar pela integridade profissional.

2.1.1 Contextualizando medicamentos

Assim podemos descrever que medicamentos são produtos farmacêuticos com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnósticos que objetivam curar doenças ou aliviar sintomas. (Ministério da saúde 2009). Dentre os medicamentos apresentados no mercado farmacêutico podemos destacar: medicamentos de referência, similares, homeopáticos, fitoterápicos e os genéricos, entre outros.

Desse modo retrata-se que os medicamentos de referência são aqueles considerados “novos” que ao serem lançados no mercado são conhecidos como medicamentos de referência, pois não há outro semelhante para o mesmo tratamento, remetem atributos tais como qualidade e confiança e apresentam preço superior aos genéricos e similares em virtude do custo do avanço da tecnologia que gera a patente e, concomitantemente, a marca.

Os similares são aqueles que apresentam diferenças na embalagem, rotulagem, tamanho do produto e prazo de validade**.**

Os homeopáticos são medicamentos de origem mineral além daqueles originários de elementos de diferentes reinos dos seres vivos, já os fitoterápicos são medicamentos feitos com plantas medicinais podendo ser simples, quando obtidos de uma única planta, ou compostos, no caso de se originarem de mais de uma planta (ANVISA 2022)

Os genéricos são medicamentos similares ao produto de referência, devendo constar o mesmo fármaco, na mesma quantidade e forma farmacêutica do medicamento de referência, caracterizada como um equivalente farmacêutico do medicamento de referência, cumprindo os requisitos de bioequivalência, que são

ISSN 2178-6925

medicamentos que englobam o mesmo fármaco, podendo ou não conter excipientes idênticos. A lei que regulamenta os genéricos é descrita na Lei 9.787 de 10 de fevereiro de 1999.

Existe uma classificação de medicamentos realizada pela ANVISA que orienta a necessidade ou não de prescrição médica, a qual se pode destacar: os medicamentos de venda sob prescrição e os medicamentos isentos de prescrição.

Os medicamentos de venda sob prescrição são aqueles os quais necessitam de prescrição emitida por profissional, tanto médico como dentista podendo apresentar a retenção de receita, cuja embalagem pode conter tanto uma tarja vermelha sendo caracterizado como o mais comum os antibióticos e a tarja preta que apresenta como principais: os ansiolíticos, antidepressivos e antipsicóticos.

Os medicamentos isentos de prescrição (MIP) também chamados de venda livre são aqueles estabelecidos pelas autoridades sanitárias para tratar sintomas leves, e a sua disponibilidade se dá sem necessidade de prescrição devido à sua segurança e eficácia, sendo estes utilizados conforme as orientações disponíveis nas bulas e rotulagens, sendo os mais comuns: os analgésicos, os antitérmicos e os antidiarreicos. Porém, podem ser encarados por uma perspectiva negativa quando analisados como uma porta para a prática desenfreada da automedicação. (OMS)

2.2 Automedicação

Conforme a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) a automedicação é o uso de medicamentos sem a prescrição ou orientação do médico, ou dentista, e automedicação responsável à prática em que os indivíduos lidam com doenças, sinais e sintomas dispondo de produtos aprovados para venda sem prescrição médica (MIP), sendo de eficácia e segurança comprovadas quando utilizados de forma coerente.

Dessa forma afirma que, a prática segura e eficiente da automedicação ocorre desde que os consumidores estejam aptos ao reconhecimento exato dos sintomas, a seleção do produto a ser usada, a dosagem e a frequência de administração, as contraindicações, as doenças concomitantes, a interação medicamentosa e os possíveis efeitos adversos. Já a automedicação irracional inclui o uso de muitos medicamentos simultaneamente pelo paciente, classificado como polifarmácia; o uso

inadequado de antibióticos, aplicados a tratamentos de infecções não bacterianas e a não adesão às instruções de dosagem prescrita, contribui para o risco de efeitos adversos e oculta sintoma de doenças, acarretando o retardo do diagnóstico correto.

Segundo a *World Self-Medication Industry* (WSMI, 1999:7), a adoção da prática da automedicação pela sociedade pode gerar benefícios econômicos oriundos da redução dos custos com atendimento ambulatorial, mas para isso é necessário a conscientização da mesma quanto aos medicamentos de venda livre, sem estímulo ao consumo desenfreado ou ao mito de cura milagrosa, pois esta constitui-se prática permanente.

Segundo o Conselho Federal de Farmácia (CFF) uma relevante parcela da população brasileira pratica a automedicação, logo o Brasil é o quinto país que mais consome medicamentos no mundo, o que se tornou comum, compreendendo até 35% das vendas totais de drogas no país.

O público feminino destaca-se por maior frequência a automedicação, acredita-se que essa referência se dá pelo fato das mulheres serem as mais acometidas por condições dolorosas como enxaquecas e dismenorreia durante o ciclo menstrual e pelo fato das doenças crônicas se apresentarem em maior proporção nesse respectivo público.

Dentre os medicamentos mais utilizados pela população, podemos discorrer: os analgésicos e antitérmicos, anti-inflamatório, antibióticos, relaxantes musculares, corticoides e corticosteroides, anti-hipertensivos, antidepressivos, antialérgicos, vitaminas e minerais, calmantes, diuréticos, ansiolíticos, e anticoncepcionais, contraceptivos entre outros. Contudo, os analgésicos e os antitérmicos são a classe de medicamentos que são os mais utilizados na automedicação, seguidos dos anti-inflamatórios, principalmente o não esteroide (AINE). (CFC 2021)

Apesar de que deva ser veementemente combatida, por parte das autoridades públicas a automedicação não apresenta nenhuma menção objetiva para o desestímulo a essa, o que pressupõe não ser esta questão de relevância para estes, sendo a automedicação considerada também como uma forma de não adesão às orientações médicas e de saúde.

2.2.1 Fatores que cooperam para a automedicação

ISSN 2178-6925

Inúmeros motivos têm sido evidenciados como fatores contribuintes para o autotratamento das pessoas, a venda desordenada de medicamentos, a limitação de acesso ao sistema público de saúde, o custo oneroso às consultas médicas e dos planos de saúde, a influência de propagandas de rádio, televisão bem como o hábito de armazenar os medicamentos na residência, tem demonstrado os principais motivos desencadeadores da automedicação na população, ademais, a frequência da automedicação é afetada por experiências prévias e da familiaridade com os medicamentos.

Os analgésicos representam a categoria de medicamentos mais utilizados na automedicação, demonstrando que essa realidade associa-se à terapêutica sintomática da dor, principalmente cefaleia, dores musculares e nas costas. (RUIZ 2022).

Não obstante a idade ser representa como uma condição determinante quanto a ocorrência da automedicação na sociedade, salienta-se que adultos até 40 anos tem maior predisposição de se automedicar, assegurando que os idosos são os que menos recorrem a essa ação, pois optam pela assistência médica devido à dor persistente, maior índice de internações e maior predisposição a doenças. (PAGNO 2018)

2.2.2 A influência da propaganda na automedicação.

As propagandas de medicamentos podem apresentar somente medicamentos isentos de prescrição (MIPs), por diversas vezes só transmite ao público os benefícios que o produto oferece, omitindo principalmente informações quanto a segurança, contribuindo ao uso indiscriminado de medicamentos por automedicação e consequentemente intoxicações por medicamentos.

O grande aumento das audiências dos recursos de comunicação corroborou para que a indústria farmacêutica observasse a oportunidade de aumentar seus lucros mediante propagandas dos fármacos isentos de prescrição, assim objetivam influenciar o consumo destes com informações convenientes que facilitem a venda, não dispondo fatos importantes relacionados às reações adversas e contra indicação dos medicamentos, estimulando a automedicação.(DA SILVA 2019)

ISSN 2178-6925

A escolha desses medicamentos surge normalmente por recomendações de pessoas leigas até mesmo por atendentes de farmácias e drogarias, isso termina por aumentar o número de automedicações, causando diversos casos de intoxicações medicamentosas.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) descreve as causas da automedicação como sendo: “a propaganda massiva de medicamentos, necessidade de conhecimento sobre efeitos adversos e a ausência de orientação do farmacêutico”.

2.3 Riscos da automedicação.

Diversos fatores têm contribuído para que a automedicação tenha se tornado comum na sociedade como a variedade dos produtos fabricados pela indústria farmacêutica, a facilidade de comercialização destes, a grande variedade de informações médicas disponíveis, assim como a substituição inadvertida da orientação médica por sugestões de medicamentos oriundos de pessoas não autorizadas, como familiares, amigos ou balconistas em farmácias (MATOS, 2018).

Portanto, devido ao uso dessa prática podemos apresentar as reações mais apresentadas no contexto geral, sendo as do tipo A e do tipo B. As reações do tipo A são as mais comuns, e podem ocorrer em qualquer indivíduo e dependem da dose administrada apresentando baixa letalidade, como, por exemplo: hemorragias por anticoagulantes orais, hipoglicemia com antidiabéticos, sonolência com ansiolíticos e hipotensão com anti-hipertensivos, podendo ser tratadas através do ajuste da dose ou pela substituição do fármaco. Já as reações do tipo B são inesperadas, incomuns, ocorrem apenas em pessoas suscetíveis e, independem da dose. Apresentam baixa incidência, porém a letalidade pode ser alta, compreendem as reações produzidas por hipersensibilidade, idiossincrasia e intolerância.

Entre as diversas repercussões da automedicação, uma das mais preocupantes são as intoxicações medicamentosas, as quais surgem devido a mecanismos complexos com características individuais, por propriedades farmacêuticas do produto e interações com medicamentos (NÓBREGA *et al*, 2015).

ISSN 2178-6925

As intoxicações por medicamentos são um sério problema de saúde pública, que ocorrem tanto por incidência quanto pelas complicações que são capazes de causar, podendo ser por caráter acidental ou provocado.

É oportuno reiterar que as classes de drogas mais predominantes em intoxicações humanas são opioides, antidepressivos e benzodiazepínicos, onde o seu uso no sexo feminino, pode-se aplicar na intenção de cometer suicídio sendo este o caso mais grave no contexto psicológico quanto a facilidade no acesso a medicamentos e a interação medicamentosa intencional nesse perfil de pacientes e no sexo masculino ao uso acidental. (CARSON, 2008) Nos últimos cinco anos, o Brasil registrou aproximadamente 60 mil internações por intoxicação medicamentosa, segundo o Ministério da Saúde.

As possíveis interações medicamentosas podem afetar na eficácia e na segurança da terapia proposta, destacando a relevância do tema e a imprescindibilidade de avaliar e monitorar as adversidades relacionadas aos medicamentos, essas se relacionam principalmente a polifarmácia e ao uso de fármacos potencialmente inapropriados para idosos, os quais podem suscitar ou corroborar problemas de saúde e acentuar a condição de fragilidade dos mesmos.

Dessa forma os idosos que possuem maior número de doenças associadas podem carecer de maior número de medicamentos, portanto, quanto maior o número de drogas aplicados na terapêutica do indivíduo, maior a probabilidade de iatrogenia, esse aspecto se dá pela questão do envelhecimento predispor ao aumento do risco de circunstâncias adversas à saúde.

2.4 O cuidado farmacêutico na automedicação.

A Atenção Farmacêutica foi delineada pela primeira vez como a provisão responsável do tratamento farmacológico objetivando conquistar soluções concretas que melhorem a qualidade de vida dos pacientes, com isso tornou-se preferencial quanto ao auxílio no tratamento médico, garantindo ao paciente o bem-estar no uso de medicamentos. Contudo, é considerado um serviço farmacêutico, que contribui ao paciente a obtenção de benefícios e redução de riscos associados ao uso prejudicial dos medicamentos.

ISSN 2178-6925

Segundo Calderari (2017) o farmacêutico é o profissional de saúde com maior conhecimento sobre os medicamentos e seus efeitos no organismo humano, assim demonstra que a atenção farmacêutica é uma peça fundamental na percepção de possíveis complicações relacionadas aos medicamentos e dificuldades na adesão ao tratamento farmacológico. É, portanto, pertinente ao farmacêutico identificar os possíveis problemas farmacoterapêuticos e, assim, orientar o paciente visando à qualidade do tratamento, proporcionando uma recuperação constante e progressiva, bem como a redução dos possíveis efeitos indesejáveis durante este período.

Ao realizar a dispensação do medicamento, o farmacêutico realiza várias atividades como: avaliar a prescrição identificando possíveis erros, na dispensação de medicamentos é de suma importância, pois neste momento contribui na orientação quanto ao uso adequado do medicamento sobre como utilizar, tempo de tratamento, dosagem correta, riscos ou benefícios e instruir quanto ao autocuidado em saúde. Nesse sentido, os farmacêuticos desempenham um papel-chave no atendimento ao indivíduo e à sociedade, dessa forma proporcionam a segurança e a eficácia.

Assim a Organização Mundial da Saúde (OMS) atesta que os farmacêuticos são os profissionais mais habilitados para realização de ações que contribuem na melhoria no acesso aos fármacos e a promoção do uso racional destes, sendo fundamentais para os serviços de apoio e ao desenvolvimento integral de medicamentos de cuidado sistemático, dessa forma reconhece o farmacêutico como um dispensador de atenção à saúde, podendo participar ativamente na prevenção de patologias e na promoção da saúde, atuando juntamente aos membros da equipe de saúde.

3 Considerações finais.

Os medicamentos ao longo do tempo passaram por variados processos de desenvolvimento na história, e ainda continuam em plena evolução a partir de novas descobertas e novas tecnologias, aplicadas ao longo dos anos, pois estes apresentam grande poder de cura. Devido a esse fato a automedicação tornou-se uma prática comum na sociedade, pois, evidencia facilidade de acesso em adquirir o

ISSN 2178-6925

medicamento nas farmácias e drogarias, tornando no Brasil um problema de saúde pública, e essa situação só tende a aumentar com o envelhecimento da população e a complexidade de acesso à saúde.

Logo, entende-se, que a automedicação envolve a associação entre a escolha e ao uso de medicamento, visando tratar doenças e sintomas observadas pelo indivíduo, sem acompanhamento médico, farmacêutico ou profissional habilitado, e que uso desenfreado desse ato pode discorrer diversos agravos a saúde sendo o mais grave a intoxicações medicamentosas podendo ocasionar a morte.

A prática da propaganda aplicada à automedicação contribui ao uso da automedicação e se tornou um problema de saúde, pois tem finalidade de evidenciar um produto e assim aumentar suas vendas, omitindo informações sobre a segurança e evidenciando apenas os benefícios e indicações do medicamento.

Conforme exposto à assistência voltada para o uso consciente de medicamentos, corroboram na melhoria da saúde e qualidade de vida do indivíduo reduz consequentemente os problemas causados pelo uso abusivo de medicamentos, porém é necessária a promoção de campanhas públicas na premissa de educar a população e alertar sobre os perigos de não consultar um profissional da saúde e os malefícios que o uso descontrolado pode trazer a mesma.

Assim tornou-se evidente a importância do farmacêutico na atuação da prescrição farmacêutica, da educação, conscientização e comunicação sobre os riscos na tentativa de reverter ou minimizar as consequências da automedicação, ratificando assim o uso racional de medicamentos e melhora nas condições de saúde da população.

Contudo, conclui-se que a atuação farmacêutica apresenta como ferramenta de segurança, garantindo aos pacientes a conscientização quanto ao uso correto de medicamentos, sendo o principal beneficiado a sociedade.

4 Referências.

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Notificação de eventos adversos a medicamentos**. Comunicado GGMON 003/2021, Brasília, 2021. Disponível em: < https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-alerta-para-riscos-do-uso-

indiscriminado-de-medicamentos/20213103_comunicado_ggmon_003_2021.pdf > Acesso em 14 de julho de 2024

ARAÚJO, Lorena Ulhôa et al. **Medicamentos genéricos no Brasil: panorama histórico e legislação**. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 28, p. 480-492, 2010.

Conselho Regional de Farmácia-CRC**. História da farmácia**. Disponível em: <https://www.crfmg.org.br/externo/institucional/historia_historia.php> Acesso em 20 de julho de 2024.

DA SILVA GIMENES, Letícia et al. **A influência da propaganda de medicamentos na automedicação**. Revista Amazônia: Science & Health, v. 7, n. 2, 2019.

DE MENEZES, RICARDO FERNANDES. DA HISTÓRIA DA FARMÁCIA E DOS MEDICAMENTOS.

DOS ANJOS SILVA, Isiane; DE OLIVEIRA ALVIM, Haline Gerica. **A história dos medicamentos e o uso das fórmulas:** a conscientização do uso adequado**.** Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 3, n. 7, p. 475-488, 2020.

FERNANDES, WENDEL Simões; CEMBRANELLI, Julio César. **Automedicação e o uso irracional de medicamentos:** o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. Revista Univap, v. 21, n. 37, p. 5-12, 2015.

FRANCISCA DAS CHAGAS, G. Ferreira et al. **O impacto da prática da automedicação no Brasil:** Revisão Sistemática. Brazilian Applied Science Review, v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021.

FERREIRA, Daniella Galdêncio et al. **Intoxicação medicamentosa:** aspectos relevantes da casuística de motivações suicidas. 2014.

Instituto de defesa do consumidor. **O que é um medicamento e quais tipos temos por aí?**. 2023. Disponível em: <https://idec.org.br/noticia/o-que-e-um-medicamento-e-quais-tipos-temos-por-ai-0>. Acesso em 13 de julho de 2024**.**

LUPPE, Marcos Roberto et al. **Análise de atributos na preferência entre consumo de medicamentos genéricos e similares ou medicamentos de referência**. Revista Gestão Organizacional, v. 13, n. 2, p. 48-66, 2020.

MATOS, Januária Fonseca *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro , v. 26, n. 1, p. 76-83, Mar. 2018 .

NÓBREGA, H. O. S.; *et al.* Intoxicações por Medicamentos: Uma Revisão Sistemática com Abordagem nas Síndromes Tóxicas. **Revista Saúde e Ciência**, Campina Grande, v. 4, n. 2, p.109-119, 2015.

OGLIARI, F. "**Automedicação e o papel do farmacêutico**: autocuidado ou danos à saúde?", 2004. Tese (graduação)Universidade Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Pg 1.

PAGNO, Andressa Rodrigues et al. **A terapêutica medicamentosa, interações potenciais e iatrogenia como fatores relacionados à fragilidade em idosos**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 21, p. 588-596, 2018.

RUIZ, Ana Carolina. **AA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL E A ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS**. Revista saúde multidisciplinar, v. 11, n. 1, 2022.

SILVA, Amanda Orcalina M. et al. **A importância do farmacêutico na automedicação**. Revista De Trabalhos Acadêmicos-Universo–Goiânia, n. 4, 2018.

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. **A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre:** uma revisão. Revista da Graduação, v. 9, n. 2, 2016.

ISSN 2178-6925

WORLD SELF-MEDICATION INDUSTRY. **Responsible self-care and selfmedication: a worldwide review of consumer surveys**. Ferney-Voltare: WSMI, 2006b. Disponível em: <http://www.abimip.org.br/uploads/material_de_apoio/1296056417_792.pdf>. Acessado em 15 de julho de 2024

XAVIER, Mateus Silva et al. **Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura**. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.